



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE  
HUMANIDADES - CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA: SUSTENTABILIDADE NA  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**UBENES MARCOS CORREIA**

**SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: RELATO DE  
EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA OLÍVIO MAROJA**

UBENES MARCOS CORREIA

**SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: RELATO DE  
EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA OLÍVIO MAROJA**

Trabalho apresentado como requisito de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Sob Orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celly Nogueira da Silva.

Área de concentração:  
**SUSTENTABILIDADE NA  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celly Nogueira da Silva

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C824s Correia, Ubenes Marcos.  
Sustentabilidade na educação do campo [manuscrito] : relato de experiências na Escola Olívio Maroja / Ubenes Marcos Correia. - 2019.  
24 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva, Departamento de Geografia - CH."  
1. Educação Ambiental. 2. Transversalidade. 3. Ensino de Geografia. I. Título

21. ed. CDD 910

2019

UBENES MARCOS CORREIA

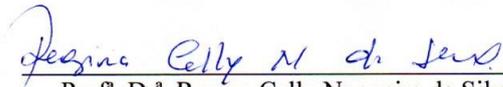
SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS  
NA ESCOLA OLÍVIO MAROJA

Trabalho apresentado como requisito de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Sob Orientação da Profª Drª Regina Celly Nogueira da Silva.

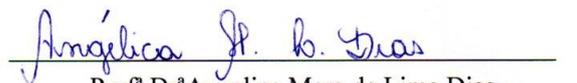
Área de concentração: **EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

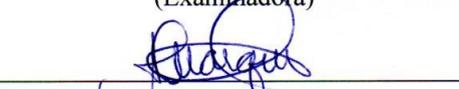
Aprovada em: 29/11/2019.

## BANCA EXAMINADORA

  
Profª. Drª. Regina Celly Nogueira da Silva

Professora do Departamento de Geografia CH/UEPB  
(Orientadora)

  
Profª Drª Angelica Mara de Lima Dias  
Professora do Departamento de Geografia CH/UEPB  
(Examinadora)

  
Profª. Me. Ana Carla Dós Santos Marques  
Mestre em Geografia/UFRN  
(Examinadora Externa)

**043 – LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA****TÍTULO: SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA OLÍVIO MAROJA****LINHA DE PESQUISA: SUSTENTABILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO****AUTOR:** Ubenes Marcos Correia**ORIENTADOR:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Regina Celly Nogueira da Silva (UEPB/CH/DG)**BANCA EXAMINADORA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angelica Mara de Lima Dias (UEPB/CH/DG) Prof. Me. Ana Carla dos Santos Marques (Examinadora Externa)**RESUMO**

O presente trabalho irá mostrar a importância da Educação ambiental a ser estudada nas escolas, essa reflexão sobre as práticas sociais, em um contexto marcado pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema, cria uma necessária articulação com a produção de sentidos sobre a educação ambiental, assunto esse de suma importância em nosso contexto social atual. Os discentes devem ter ciência do mal que está sendo causado ao meio ambiente e a educação ambiental tem esse papel de ensinar e conscientizar sobre esse tema transversal. Apesar da Política Nacional de Educação Ambiental, instituída em 1999 pela Lei n<sup>o</sup>. 9795, estabelece que a educação ambiental deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente e de forma transversal e disciplinar. Segundo Tozoni-Reis (2007), existem várias abordagens na compreensão da educação ambiental, classificadas e denominadas em diferentes categorias e que resultam em diferentes práticas educativas ambientais.

**Palavras-Chave:** Educação Ambiental. Transversalidade. Ensino de Geografia.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a meus pais, familiares, amigos, professores e a todos aqueles que fizeram o meu sonho se tornar realidade, sem vocês nada disso seria possível. Muitos obstáculos apareceram durante todos esses anos, mas graças a vocês e a Deus não me deixei fraquejar e sempre colocar os meus sonhos em primeiro lugar. Obrigado pelo apoio, carinho e compreensão.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer a Deus por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades enfrentadas ao longo desses anos e aos meus pais pelos ensinamentos, pelo amor e exemplo de vida e encorajamento para aqueles dias que dava vontade de desistir e aos meus familiares e amigos que me apoiaram nessa caminhada.

A Universidade Estadual da Paraíba – UEPB que me possibilitou a realização desse trabalho e a todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica, mas principalmente a orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Celly Nogueira da Silva pela confiança, dedicação, compreensão e paciência durante esses anos.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram de forma direta e indiretamente nesse trabalho, meus agradecimentos.

Educação não transforma o mundo.  
Educação muda às pessoas. Pessoas  
transformam o mundo.(PAULO FREIRE)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> – Fachada da Escola onde foi realizado o estágio.....	14
<b>Figura 02</b> – Alunos (as) realizando as atividades através de desenhos.....	16
<b>Figura 03</b> – Alunos (as) realizam desenho sobre o tema transversal Meio Ambiente.....	18

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS PCNs.....	15
<b>3 RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

## 1. Introdução

O trabalho foi desenvolvido na Escola Campo Olívio Maroja, localizado no Assentamento Maria Preta – Violeta, no qual sou professor de Geografia há três anos. A partir da vivência em sala de aula, e pelo contexto em que a escola se encontra, percebi a necessidade de trabalhar conteúdos pautados na Educação Ambiental. Nesta perspectiva o objetivo desse trabalho é possibilitar que os alunos percebam a importância da educação ambiental para preservar o meio onde estamos inseridos, pois os mesmos precisam ter conhecimento sobre a transversalidade que existe em meio à educação e a abrangência desses conteúdos.

O Assentamento Maria Preta localizado na zona sul do município de Araçagi, teve sua origem em 1998, quando após uma decisão judicial liberou aos trabalhadores o direito de apropriação da área que vinha sendo embargada por estar com pendências junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em condições de irregularidade. Após esse período com o auxílio dos órgãos representativos dos trabalhadores foram efetuados os cadastros e feita a mobilização para que as famílias fossem destinadas às suas áreas, desde então as famílias cadastradas foram se alojando nos mais diferentes locais ou estruturas que poderiam servir de abrigo para poderem fazer uso das terras antes mesmo que houvessem as primeiras construções ou liberações de projetos para iniciarem suas atividades agrícolas. Já em 1998 quase todas as famílias em um total de 100 já se encontravam abrigadas em casas antigas, usinas, colégio, estábulos, depósitos.

Qualquer local que servisse de abrigo com intuito de garantir seus espaços e darem início as primeiras mobilizações associativistas para garantirem seus direitos assegurados e tentarem transformar sua realidade social e econômica e garantir o sustento de seus familiares. Após dois anos de alocação dessas pessoas foram construídas as casas e saíram os primeiros projetos que fomentaram as atividades agrícolas primeiras iniciativas do governo federal permitindo assim a saída das famílias dos locais de abrigo para suas casas e foram entregues os lotes ou parcelas para que cada família pudesse trabalhar em suas próprias áreas já definidas.

Ao longo dos últimos 21 anos, algumas conquistas obtiveram os trabalhadores, a garantia de acesso ao PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura

Familiar), direito a assistência técnica, e outras garantias ofertadas pelo governo para assegurar a permanência dessas famílias no assentamento. Hoje tem escola com ensino fundamental completo e convênio com o estado para assegurar o ensino médio, posto de saúde, a comunidade tem formalizada a associação que por meio dela garante “direito aos trabalhadores”. Jovens formados e em formação universitária, e o mais importante uma agricultura familiar diversificada que promove o sustento das famílias e garante alimento saudável e de qualidade.

Alguns projetos de educação foram implantados desde 2012 que ajudaram no fortalecimento da educação local, a exemplo do PROJovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) em 2012 a 2013, que ofertava aos educandos o acesso a informações de tecnologia, direito e cidadania mais com foco principal do curso no agro extrativismo. Em 2017 houve a implantação do projeto horta escola, educar para preservar, importante iniciativa da escola local com intuito de desenvolver atividades de educação ambiental e conscientizar a comunidade escolar alertando-os para práticas de desenvolvimento sustentável como proposta de educação do campo.

A proposta de Educação do Campo é uma política pública pensada mediante a ação conjunta de governo e sociedade civil organizada. O processo histórico de organizações e lutas por direitos básicos, incluindo mais recentemente o direito a uma educação pública, gratuita e de qualidade, numa pressão incessante dos movimentos sociais do campo sobre o estado na busca de uma junção do poder público para melhorar a educação nas áreas rurais.

Tendo em vista que ainda há um descaso na educação rural, o intuito principal da educação do campo é expandir o ensino e preservar a cultura do homem do campo, merecendo destaque o elevado número de analfabetos. O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo com uma rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico.

O desenvolvimento desta pesquisa apresenta um relato de experiência vivenciado em minha prática pedagógica em turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, que foi pautado na pesquisa qualitativa, sendo realizada pesquisa bibliográfica, observação participante e a realização de atividade prática com o tema “Sustentabilidade na Educação do Campo”, com a realização de uma roda de conversa em sala de aula.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Quando definimos Educação ambiental (EA) como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, culturais, econômicas e sociais entre a humanidade e a natureza e a relação entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos.

A educação ambiental como política pública está relacionada com a ampliação da cidadania, liberdade, autoestima e comprometimento com a sociedade, além de uma intervenção com os cidadãos na busca de alternativas e soluções que permitam a convivência digna em sociedade e bem comum. A afirmativa de que a educação Ambiental é uma educação política é por princípio é questionadora das certezas absolutas e dogmáticas, é também criativa, pois necessita de diferentes metodologias e temáticas que visem um aprofundamento do conteúdo.

Segundo Sato (2006, p.23), “A primeira definição da Educação ambiental foi adotada pela International Union for the Conservation of Nature (IUCN, 1971), que enfatizou os aspectos ecológicos da conservação. ” Ainda de acordo com a mesma autora, a definição internacionalmente mais aceita é a da conferência de Tbilisi, que assim define a EA:

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e classificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática de tomada de decisão e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida. (SATO, 2006, p. 23-24).

A Conferência de Tbilisi tratou de assuntos voltados especialmente à Educação Ambiental. Nessa Conferência foram organizadas quarenta e uma recomendações sobre educação ambiental a nível mundial, considerados um grande marco na educação ambiental. Sugerem as recomendações organizadas na Conferência de Tbilisi que a educação ambiental deve ser trabalhada com enfoque global e com base interdisciplinar. E que o processo educativo deve ser renovado e reformulado, nas bases da educação ambiental no ensino para todas as classes e faixas etárias de formas permanentes.

Este documento nos deixa claro que a educação ambiental deve considerar não apenas a fauna e a flora, mas incluir também os aspectos sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais, ecológicos e éticos (DIAS, 2000).

O Brasil iniciou o trabalho de educação ambiental com o documento elaborado pelo Ministério da Educação denominado 'Ecologia, apresentando um enfoque contrário ao sugerido pela Conferência de Tbilisi, pois trata da educação ambiental somente no aspecto das ciências biológicas, esquecendo-se de acrescentar a questão social, cultural e política (DIAS, 2000). A Ecologia despertou o interesse e acabou sendo adotada em Universidades públicas no Brasil, isso nos mostra que aos poucos vai sendo adaptada em nosso meio.

O processo educativo deveria ser orientado para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de enfoques interdisciplinares e, de participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade.

Baseado na Conferência de Tbilisi são finalidades da EA:

- 1- Promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, social, política e ecológica.
- 2- Proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir os conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para protegerem e melhorarem o meio ambiente.
- 3- Induzir novas formas de conduta, nos indivíduos e na sociedade, a respeito do meio ambiente.

A educação ambiental deve ser vista como um processo de permanentes aprendizagens que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária. Os temas predominantes são lixo, proteção do verde, uso e degradação dos mananciais, ações para conscientizar a população em relação à poluição do ar.

A educação ambiental que tem sido desenvolvida no país é muito diversa, e a presença dos órgãos governamentais como articuladores, coordenadores e promotores de ações é ainda muito restrita. No caso das grandes metrópoles existe a necessidade de enfrentar os problemas da poluição do ar, e o poder público deve assumir um papel indutor do processo. A redução do uso do automóvel estimula a co-responsabilidade social na preservação do meio ambiente, chama a atenção das pessoas e as informa sobre os perigos gerados pela poluição do ar.

A partir da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tbilisi (EUA), em 1977, inicia-se um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada nos métodos da interdisciplinaridade e nos princípios da

complexidade. Esse campo educativo tem sido fertilizado transversalmente, e isso tem possibilitado a realização de experiências concretas de educação ambiental de forma criativa e inovadora por diversos segmentos da população e em diversos níveis de formação. O documento da Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade, realizada em Tessalônica (Grécia), chama a atenção para a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação e práticas interdisciplinares (Sorrentino, 1998).

A necessidade de abordar o tema da complexidade ambiental decorre da percepção sobre o incipiente processo de reflexão acerca das práticas existentes e das múltiplas possibilidades de, ao pensar a realidade de modo complexo, defini-la como uma nova racionalidade e um espaço onde se articulam natureza, técnica e cultura. Refletir sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para compreender a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber. Mas também questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevaletentes, implicando mudança na forma de pensar e transformação no conhecimento e nas práticas educativas. A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes.

A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades. Atualmente o desafio de fortalecer uma educação ambiental convergente e multirreferencial é prioritário para viabilizar uma prática educativa que articule de forma incisiva a necessidade de se enfrentar concomitantemente a degradação ambiental e os problemas sociais.

Assim, o entendimento sobre os problemas ambientais se dá por uma visão do meio ambiente como um campo de conhecimento e significados socialmente construído, que é perpassado pela diversidade cultural e ideológica e pelos conflitos de interesse. Nesse universo de complexidades precisa ser situado o aluno, cujos repertórios pedagógicos devem ser amplos e interdependentes, visto que a questão ambiental é um problema híbrido, associado a diversas dimensões humanas.

Os professores (as) devem estar cada vez mais preparados para reelaborar as informações que recebem, e dentre elas, as ambientais, a fim de poderem transmitir e decodificar para os alunos a expressão dos significados sobre o meio ambiente e a ecologia nas suas múltiplas determinações e intersecções. Essas diferentes metodologias de ensino para a educação ambiental, desperta nos discentes o gosto pela disciplina seja ela biologia ou ecologia, além de gerar um novo olhar para a natureza e os elementos que nela são compostos.

As práticas pedagógicas da EA diante de uma escola pública são complexas, pois os órgãos governamentais não investem para as praticas educativas/ pedagógicas. Os conhecimentos teóricos em sala de aula são enriquecedores por ser uma das grandes preocupações para os professores da educação básica, mas metodologias para enriquecer as aulas práticas, exigem recursos, recursos esses que dificultam esse trabalho por escassez.

## 2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Dessa forma, faz-se necessário a junção da Educação Ambiental nos ensinamentos em sala de aula, para se trabalhar a sustentabilidade e temas transversais que regem nossa sociedade.

O documento de Geografia propõe um trabalho pedagógico que visa à ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos. Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da nossa realidade, compreendendo a relação sociedade/natureza. Essas práticas envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a

paisagem e o espaço geográfico atual, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que aí se encontram em interação. Nessa perspectiva procura-se sempre a valorizar a experiência do aluno e o que trazem para sala de aula, para que possam solucionar eventuais problemas vistos e vivenciados na comunidade.

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. Outro importante aspecto é a opção de trabalhar a Geografia por meio de grandes eixos temáticos e com temas transversais. Essa proposição se baseia no reconhecimento da necessidade de incorporar tanto a idéia da flexibilização quanto a interdisciplinaridade no tratamento com o conteúdo dessa área.

Muitas são as interfaces com outras ciências. Alguns temas que são por natureza de interface (tais como a questão ambiental, a pluriculturalidade brasileira, relações de trabalho e de consumo, ética e sociedade, entre outros) requerem um tratamento para além das áreas de conhecimento. Portanto, os conteúdos propostos articulam-se necessariamente com os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A proposta de trabalhar com questões de urgência social sob a perspectiva de transversalidade apontam para o compromisso a ser compartilhado pelos professores das áreas, uma vez que o tratamento dado aos conteúdos de todas as áreas possibilita ao aluno a compreensão ampla de tais questões, que incluem a aprendizagem de procedimentos e desenvolvimento de atitudes.

A compreensão das questões ambientais pressupõe um trabalho interdisciplinar. A análise de problemas ambientais envolve questões políticas, históricas, econômicas, ecológicas, geográficas, enfim, envolve processos variados, portanto, não seria possível compreendê-los e explicá-los pelo olhar de uma única ciência. Como o objeto de estudo da Geografia, no entanto, refere-se às interações entre a sociedade e a natureza, um grande leque de temáticas de meio ambiente está necessariamente dentro do seu estudo. Pode-se dizer que quase todos os conteúdos previstos no rol do documento de Meio Ambiente podem ser abordados pelo olhar da Geografia.

O estudo mais detalhado das grandes questões do Meio Ambiente (poluição, desmatamento, limites para uso dos recursos naturais, sustentabilidade, desperdício), permite o trabalho com a espacialização dos fenômenos geográficos por meio da cartografia. Permite, também, o trabalho com as estatísticas, base de dados, leitura e interpretação de gráficos que são importantes nos estudos comparativos, nas simulações e na idéia inicial sobre

planejamento que os alunos podem ter. Ainda como conteúdo procedimental, trabalhar com a formulação de hipóteses, produção de gráficos e mapas, coleta, organização e interpretação de dados estatísticos, prática da argumentação etc.

Desse modo, parecem evidentes as possibilidades de a Geografia integrar-se ao tema Meio Ambiente. Convém chamar a atenção para o seguinte ponto: as questões ambientais também irão se constituir nos contextos significativos a partir dos quais serão desenvolvidos conceitos e procedimentos geográficos.

### **3 RELATO DE EXPERIÊNCIA ACERCA DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Ao perguntarmos a qualquer aluno do ensino básico o que é a Geografia, certamente este responderá que, em seu conceito, é a ciência que estuda a Terra, e em sua importância, que não passa de uma disciplina maçante e de memorização de conceitos. Esta é a apresentação que foi e ainda é feita da ciência geográfica por parte da maioria dos professores aos seus alunos.

Na contemporaneidade o planeta encontra-se em plena crise socioambiental (LEFF, 2012), consequência, entre outros fatores do modo predatório de consumo e produção, de excedentes da sociedade que ocasiona a degradação ambiental e o desequilíbrio do meio ambiente. Como meio, de levantar o debate sobre as questões socioambientais, tem-se a Educação Ambiental, principalmente no espaço escolar, pois representa o lócus da formação de indivíduos, intelectual e cidadã.

A integração pedagógica entre a Educação Ambiental e a Geografia, representa uma forma eficaz de inserção da Educação Ambiental na escola, sobretudo em escolas inseridas no campo, pois as ciências geográficas ao estudar a relação homem-meio e as interligações entre os fenômenos físicos e humanos fornecem subsídios teóricos para se discutir as questões ambientais. Ademais, a integração dessas duas áreas do conhecimento possibilita a intensificação das discussões sobre as questões ambientais, superar a desvalorização e “crise da Geografia escolar” (STRAFORINI, 2008, p. 46). Dessa forma, o ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo e, a partir daí, outra possibilidade para a condição da existência humana.

Nesta perspectiva, a realidade vivenciada no âmbito da Escola Campo Olívio Maroja, como professor das turmas do 8º ano me fez perceber a necessidade de introduzir o conteúdo de Educação Ambiental, sobretudo pelo meio de vivência em que os alunos estão inseridos, possibilitando uma visão profunda da aplicação da geografia no contexto social.



**Figura 01: Escola do Campo Olívio Maroja**  
**Fonte: Arquivo do autor, 2019**

Para trabalhar a Educação Ambiental, foi realizada em primeiro momento uma aula expositiva dialogada trabalhando um texto sobre sustentabilidade e reciclagem, sendo em seguida realizada uma roda de conversa para sondar o que os alunos já tinham de conhecimento e a partir daí poder aprofundar o que seria trabalhado em sala. Em seguida os alunos puderam expressar o que entenderam do conteúdo teórico trabalhado através de desenhos (Foto 02).



**Figura 02: Alunas desenvolvendo a atividade através de desenhos.**  
**Fonte: Arquivo do autor, 2019**

A imagem apresentada evidencia que o professor deve utilizar metodologias criativas para obter a atenção e participação de todos os alunos, promovendo a conscientização ambiental. Atividades práticas devem ser desenvolvidas, de forma que os alunos consigam conciliar teoria e prática. Um bom exemplo são as aulas de Educação Ambiental em zoológicos, parques, praças e até no próprio pátio da escola, onde as explicações, juntamente com o contato com os recursos naturais, são de extrema importância no processo de conscientização ambiental.

Tendo uma noção prévia sobre o pensamento dos discentes, foi dada continuidade ao tema: Sustentabilidade na Educação do Campo, um tema que envolve a nossa realidade adequando-a aos conteúdos proposto pela Base Nacional comum curricular (BNCC).

A coleta seletiva do lixo, a redução no desperdício de água, entre outras atitudes que contribuem com o meio ambiente, são ações que devem ser solicitadas, tanto no colégio como nas residências dos alunos, proporcionando que eles sejam agentes participativos do processo de ensino aprendizagem e, principalmente, visualizando o resultado e havendo uma mudança comportamental.

O tema transversal Meio ambiente é o que sugere maior aproximação, pois, ao tratar da formação socioespacial, das novas territorialidades e temporalidades do mundo, aborda-se de forma ampla os processos que geram uma determinada ocupação do solo, as demandas por recursos naturais, o crescimento populacional e a urbanização, entre outros (Foto 03).



**Figura 03- Desenho realizado pelos alunos sobre Meio ambiente.**  
**Fonte: Arquivo do autor, 2019**

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Desta forma, o ensino de Geografia, mesmo tendo passado por fases críticas e inovadoras, ainda é feito em muitas escolas brasileiras de forma tradicional, na qual o aluno: é visto como um agente passivo, cabendo a ele decorar e memorizar o conjunto de conhecimentos significativos da cultura da humanidade previamente selecionados e transmitidos pelo professor em aulas expositivas. Portanto, essa tendência pedagógica deve ser repensada para que os alunos possam expressar sua opinião e tirar suas dúvidas sobre os conteúdos apresentados em sala de aula.

Os conteúdos trabalhados em Geografia, por exemplo, são vistos geralmente como um ‘mundo à parte’ pelos alunos, embora ela trabalhe exatamente com o mundo desses alunos. Concluimos que os conteúdos trabalhados na sala de aula de forma tradicional, como ainda são abordados em muitas das escolas brasileiras, ou com base em uma metodologia não dialógica, ou seja, que não suscita a discussão e a análise, mas que valoriza a simples transmissão de conhecimentos e conceitos prontos acabam por apresentar a geografia como uma disciplina desnecessária a formação humana e cidadã. Por isso é de grande importância para o ensino aprendizagem da Geografia escolar, que o professor, como sujeito mediador, possa, através de sua metodologia de ensino, apresentar ao aluno o espaço tal como ele está produzido, para que a partir disso o aluno possa entender a sua colaboração no processo de construção, modificação e organização deste espaço.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modalidade educação do campo e Educação ambiental passaram por um processo de identificação, organização e indicativos da prática educativa para as políticas públicas. Dentro dessa modalidade foi apresentado o estudo sobre Sustentabilidade na Educação do Campo. A Educação ambiental tem impulsionado o debate para repensar novas propostas pedagógicas de organização escolar relativamente a temas geradores, tempo e espaços escolares, entre outros. Vale destacar que a escola intitula-se 'itinerante' em função de que ela acompanha o itinerário das famílias Sem Terra, garantindo o direito à educação das crianças, jovens e adultos que se encontram em acampamento, lutando pela reforma agrária.

São experiências educativas que oferecem contribuições ao debate e à formação educacional para o desenvolvimento local e a emancipação sociocultural dos povos do campo. Todas as iniciativas são significativas para o acúmulo de experiências pedagógicas e para a demonstração de que a educação do campo é objeto de atenção das organizações sociais, dos sindicatos, dos movimentos sociais e de muitas comunidades que, de forma pontual, realizam suas práticas sociais educativas.

Dessa forma, foi possível observar que os alunos criaram um novo olhar para educação ambiental e saíram com o pensamento formado de que a EA é muito importante aplicada no meio em que vivemos e de vivência com os elementos que fazem parte do campo. O trabalho atingiu seu objetivo, uma vez que tinha como intuito que os discentes compreendessem a importância e valorização da sustentabilidade. Essa experiência vivenciada em sala foi de suma importância para meu crescimento profissional, além de ter despertado o interesse dos discentes pela disciplina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 6. ed. São Paulo: Gaia, 2000.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** 9 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

SATO, M. **Educação Ambiental.** São Carlos: Rima 2002. Disponível em: Acesso em: 15 de novembro de 2019.

SATO, M.; SANTOS, J. E. dos (Orgs). **A Contribuição da Educação Ambiental à Caixa de Pandora.** São Carlos: Rima Editora, 2006.

SORRENTINO, M. **De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil.** In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA.1998. p.27-32

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais,** 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2008.